

O DISTANCIAMENTO TERRITORIALIZADO NA UFABC - NÓS X ELES

Giulia Matteo¹

Resumo

O presente trabalho se propõe a discutir as questões duais entre os trabalhadores terceirizados da Universidade Federal do ABC no campus São Bernardo do Campo e seu local de trabalho, no formato de relato etnográfico. Este relato transmite uma investigação acerca do processo de (des)conexão dos mesmos com o território (em seu profundo significado), tanto no sentido físico quanto simbólico.

Palavras-chave: Relato Etnográfico, Etnografia, Terceirização, Trabalhadores Terceirizados, Território.

Abstract

This present paper proposes to discuss about the dual issues between the outsourced workers of the Federal University of ABC (São Bernardo do Campo campus) and their workplace, through the format of an ethnographic report. This report conveys an investigation into the process of (un)connecting them with the territory (in its deep meaning), both the physically and symbolically.

Keywords: Ethnographic Report, Ethnography, Outsourcing, Outsourced Workers, Territory.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: giuliafmatteo@gmail.com.

O método etnográfico é, dentro da área da antropologia, algo que possui uma intensa carga teórica e aplicada, significando a **grafia de um fenômeno social**, baseado, principalmente, na observação e na leitura da realidade. A partir de uma metodologia bastante ampla e variada, a etnografia busca explorar as marcas de relações sociais no território, sendo imprescindível processos de troca, transformações e interpretação. Para tal é importante, e extremamente necessário, um distanciamento dos próprios valores do investigador, a fim de favorecer a integração com o outro, ângulo do processo de transformação. Este distanciamento é um exercício árduo de reposicionamento e saída da zona de conforto, em que o mais especial é, justamente, o **estranhamento**.

Como explorar este estranhamento? Além da carga negativa atrelada à busca pelo estranhamento, é necessária uma complexa reflexão para chegar a conclusão de qual o campo mais interessante de ser estudado e explorado. Qual espaço, ou território que pode dar insumos interessantes a ponto de causar devida transformação em mim? Inicialmente refliti que qualquer que fosse o campo, esta transformação ocorreria, pois, principalmente nos momentos iniciais de exercícios de exploração do que é um relato etnográfico (primeiras semanas de aula), percebi que, justamente pelo modo como se é feito (narrativamente, com intenso foco na observação e interpretação da realidade), o explorador é quase que obrigado a se retirar desta zona de conforto. E, no fim, não se mostra algo negativo e dolorido, muito pelo contrário. Eu, uma pessoa extremamente intimista percebi o quão importante é me perder dentro dos meus pensamentos ao observar um tecido social representado no espaço. E o quão faz bem, não só internamente como uma realização pessoal (sempre me remete o quão estes relatos são similares a sessões psicanalíticas), mas pela profundidade que se consegue chegar somente por observar a fundo um campo e refletir a respeito.

Neste momento houve uma explosão de possíveis campos que, além da óbvia complexidade envolvida num relato, poderia elevar a discussão para algo a mais. O que seria esse algo a mais? Muita pretensão? Ao estudar ciências humanas em uma faculdade pública conceituada sempre repenso meu lugar e como posso usufruir deste privilégio para que seja retribuído o máximo de retorno possível para a sociedade e o tecido social que estamos inseridos. Desta forma, me gritava algo internamente que gostaria de explorar um campo que me permitisse entrar em contato com algo de certa forma respondesse à essa preocupação. Não sei, olhando para este trabalho como um todo, se de certo este desejo foi cumprido. Porém, para além deste desejo, é do meu entendimento que mais importante que resultados, seja evidenciado o **processo**, e o que se pode tirar desta investigação de um território tão particular dentro da nossa universidade. Neste momento percebo que ainda nem citei o tão

importante campo que é elemento central de análise do presente relato. Talvez a necessidade de me explicar seja grande, e o receio de exemplificar sem a devida complexidade seja maior ainda.

Este trabalho se deu na Universidade Federal do ABC, no campus de São Bernardo do Campo, em uma matéria de finalização do Bacharelado de Ciências e Humanidades, Práticas em Ciências e Humanidades, que talvez possa exemplificar a magnitude de fechamento presente neste relato.

Sem mais floreios, decidimos, enquanto grupo, investigar um conjunto de casinhas que se localiza em um canto da universidade, que, como entendimento geral, era de uso dos trabalhadores contratados da faculdade. Me pego perdida, pensando no dia em que percebi essas casinhas.

Entrei na universidade em maio de 2015, e demorou algo como 3 ou 4 meses para que as visse pela primeira vez, e, como se não bastasse a minha demora em perceber um espaço físico fixo dentro da faculdade que frequentava diariamente, ao questionar meus amigos mais próximos, percebi que não sabiam nem do que estava falando. Desde então, tentei procurar saber o que faziam e o que eram aquelas casas (naquela época eram de madeira, e se localizavam também no lugar que hoje é o estacionamento do Alfa 2). Escutei de um amigo que aqueles trabalhadores contratados pela faculdade eram peões da obra e que, pelos baixos salários, não compensava pagar transporte para todos, criando a alternativa deles dormirem na obra até esta terminar. Esta afirmação me deixou extremamente nervosa e já desatei a pensar inúmeros conflitos, como confusão entre espaço de trabalho e espaço de moradia, dissolução de um limite entre o trabalho e o descanso. Sabia que esta era minha posição baseada apenas em especulações, porém, para uma garota que acabara de ingressar no curso de humanidades, não pensei duas vezes em confirmar internamente a veracidade deste processo, e esbravejar por aí como era um absurdo as condições destes trabalhadores explorados.

Três anos depois, 2018, mais para o final da minha graduação, confesso que esta problemática ainda me afligia, porém, possuía agora um fervor por entender estas dinâmicas mais profundamente. Eles realmente dormem lá? E quando as obras acabarem? Será que eles são os mesmos desde o início das obras? Eles possuem outros trabalhos? Fazem jornada dupla? Como se sentem neste espaço? Muitas perguntas me pareceram imprudentes e invasivas, mas meu desejo de entender as dinâmicas só aumentou. Por esse motivo, no momento de decidir o campo a ser estudado pelo grupo, bati meu pé e disse que gostaria muito de explorar as casinhas, contei o que sabia (mesmo não tendo certeza) e, conjuntamente, decidimos por ir em frente com a investigação.

Como lidamos com trabalhos de terceirizados, já estávamos cientes de tomar cuidado extremo com esta investigação, e, por este motivo, no primeiro dia exploratório de campo (21/03) fizemos somente uma observação distante (de cima do prédio do Delta). Óbvio que me veio o primeiro estranhamento, que era: estávamos dentro de um prédio, com uma janela de vidro entre nós e nosso campo, nosso objeto de estudo. Isso pra mim já grita uma contraposição dialética entre **nós x eles**. Comecei a questionar o quanto esta pesquisa seria somente uma reflexão distante de um acadêmico sobre um retrato social tão complexo e cheio de conflitos sociais. Porém, fiz um esforço para repensar que era necessário este primeiro momento, e que, posteriormente, iríamos entrar mais em contato com as diversas trajetórias dos trabalhadores, de modo mais condizente.

Estava muito animada. Desde a época da escola gostava muito de praticar relatos etnográficos, e este, principalmente por remeter a um tema sensível a mim, era guardado num lugar especial.

Esta visita foi extremamente exploratória e gerou mais perguntas do que eu poderia imaginar. Haviam mais casas no passado, que foram desmontadas com o fim das obras. Porém estas ficaram. Por que? Dormem aí mesmo? Ou só ficam e passam o dia? Qual é a dinâmica (ao escrever isso, gritava silenciosamente pelo nervoso de não estar entendendo)? Curioso notar que o espaço quase se confunde com algo externo a UFABC, como se não pertencesse à universidade. Quais seriam as relações deles com a UFABC? Como nós nos relacionamos com esta ocupação? A contraposição nós x eles volta a aparecer, e ela me parece central novamente. É curioso notar também que além de se localizar o mais afastados possível da universidade, é situada num morro/barranco. Não tinha nenhum outro lugar possível para ser instalado?

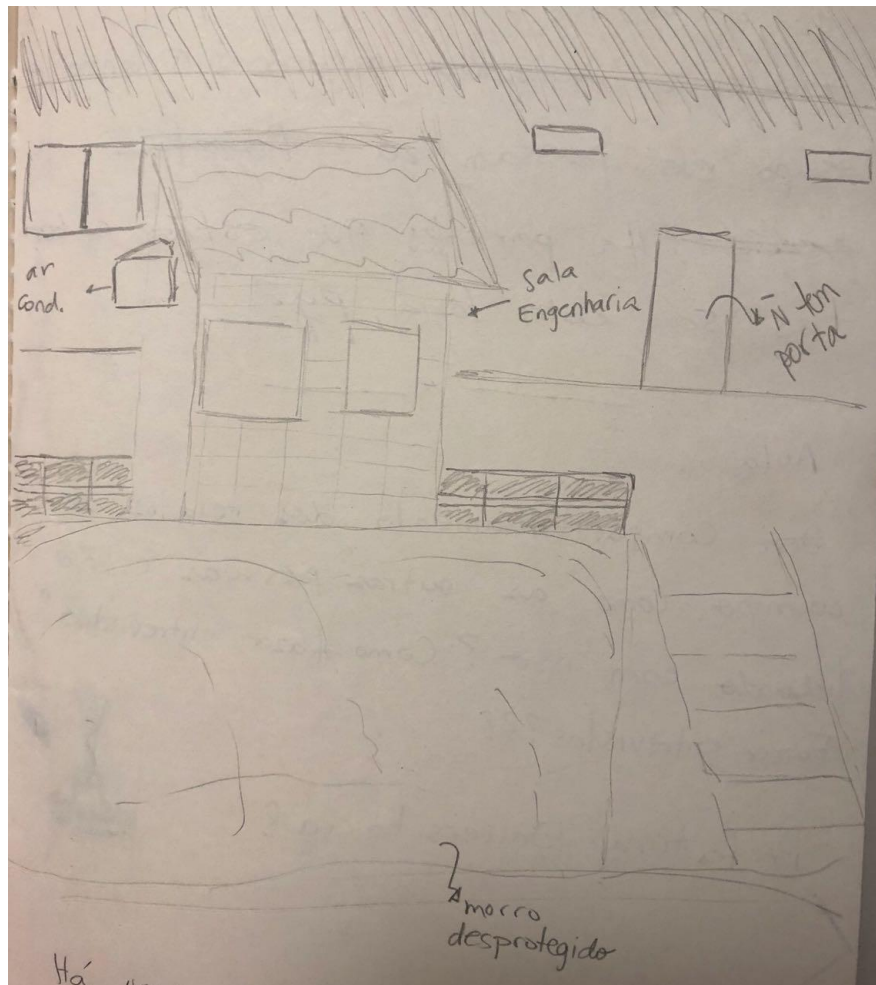
Foto do dia 21/03/2018



Fonte: da autora.

Com um olhar rápido, imaginava que eram apenas umas 10 casas, porém, olhando com mais cuidado (pela primeira vez!) pude analisar o espaço com mais detalhe. Há um corredor grande de onde saem vários cômodos. Há uma construção que, aparentemente, é a mais bem construída, em que pode-se ler: “sala da engenharia”, que possui um ar condicionado, porta e venezianas. Há, dentre os trabalhadores terceirizados, uma hierarquia acentuada? Os questionamentos eram infinitos, o que deixava a exploração cada vez mais bacana. Há duas caixas d’água e uma antena de TV. Será moradia mesmo? Quanto tempo eles passam ali? Há paredes que estão cobertas só com lonas, por que? Será que os próprios trabalhadores ergueram aquilo? Depois da observação conversamos conjuntamente, enquanto grupo, e estávamos bastante divididos. Alguns tinham certeza que moravam, alguns tinham tido a certeza, após observar mais de perto que não moravam, apenas passaram o tempo.

Foto do desenho realizado no dia 21/03/2018



Fonte: da autora.

No dia 28/03/2018 partimos para um processo um pouco mais interno, para tentar compreender aquele espaço num sentido menos leigo e mais amplo para, no momento de contato, já possuir as informações básicas. Para isso, tivemos a ideia de conversar com dois seguranças da faculdade, que estão muito mais por dentro do que acontece na universidade do que podemos imaginar. Matheus, um dos colegas do grupo tinha intimidade com eles. Já Nathalia (a outra colega) e eu não. Por este motivo tomamos a decisão de o Matheus entrar e eu e Nathalia ficarmos do lado de fora, ouvindo e buscando informações relevantes. Hoje, num momento bem distante da conversa, me lembro pouco do que se foi dito. Porém foi uma escolha de prestar mais atenção, ao invés de ficar anotando fielmente tudo que se era falado. Acredito que o importante não é a verdade pura, muito menos as exatas palavras, e sim aquilo que ficou de toda a conversa, e principalmente, o que levamos daquela conversa como essencial para o entendimento mais profundo do nosso campo. A frase que mais me marcou da conversa entre meu colega e o segurança foi: “estes trabalhadores são ‘o terceirizado do terceirizado do terceirizado’”.

Neste dia, tivemos a confirmação de que, de fato, eles não moravam nestas casas, e que elas eram usadas como um apoio para o dia de trabalho. Este momento já se mostrou extremamente essencial para ajustarmos todas as nossas expectativas frente ao nosso objeto de estudo. Esta re-organização de pensamentos foi importante para que o trabalho se mostrasse mais coerente e mais como uma observação da realidade, e não uma imaginação do que se diz por aí. Nos fez pensar que seria necessário uma reorientação do trabalho, e alguns integrantes do grupo já achavam que nosso trabalho estava perdido, ou que não fosse mais tão bacana estudar aquele espaço. Porém, para mim, se mostrava cada vez mais interessante, o como a gente estava conseguindo avançar e se aprofundar no entendimento de um território específico dentro da universidade! Não há caminho linear quando se estudam relações e conflitos sociais, e por este motivo que este estudo se mostra tão surpreendente. Podia sentir em mim a transformação no meu olhar. Todos os dias, quando chegava na faculdade, meu olhar corria para aquele determinado espaço, algo que raramente acontecia antes. Aquilo estava fazendo parte da minha rotina, e não tinha mais como dissociar.

Por fim, no dia 04/04/2018, decidimos que tomaríamos um passo maior e iniciariamos um contato explícito. Este momento foi o que me deixou mais desconfortável, sou uma pessoa extremamente tímida e que, por mais que adore observar conflitos, adoro fugir deles quando me envolvem pessoalmente. Este momento já me estava me causando desgastes e arrepios de nervoso. Mas não podíamos mais postergar esse momento, justamente pelos temores expostos acima (de ser somente uma observação de “gabinete”, sem um contato real).

Tomamos coragem, decidimos que iríamos até lá como “quem não quer nada”, e no momento que fossemos abordados faríamos algumas questões. Algo que fazia sentido. Quando chegamos na beirada da escada, aquilo já não fazia sentido nenhum para mim. Estávamos em muitas pessoas para um lugar completamente estranho. Naquele momento era óbvio que não pertencíamos àquele lugar. Congelei. Me sentia ridícula. O restante do grupo já estava subindo. Olhei para os lados. Não tinha mais jeito, o conflito já havia sido instaurado. Minha mania de tentar resolver as coisas foi maior, fui atrás do meu grupo, que até agora não havia encontrado ninguém e falei: “Gente, vamos embora, estamos em muitos, vamos assustar e fechar possíveis portas, não estou gostando”. Até aí não havia ninguém, eles observavam sedentos por elementos novos, porém não tinha nenhum trabalhador, somente cômodos, aquilo me incomodou também. Não conseguia parar de olhar para trás. Queria voltar. Queria fugir dali. Olhei para trás de novo. Alguém estava vindo. Alguém que trabalhava ali, e não estava com as melhores caras. É óbvio, pensei. Estamos invadindo um espaço pessoal, me sentia muito mal e com medo de ter estragado nossa oportunidade de ouro. Ele se aproximou

da gente e eu prontamente já estava preparada com muitas desculpas, mas a Nathalia se antecipou e relatou brevemente o por que de estarmos ali. Foi um bom início de conversa. Bem melhor que as inúmeras desculpas que quase saíram da minha boca por desespero. Mas mesmo assim o homem não parecia ter relaxado. Seu semblante era sério e não tinha nenhum pudor em expor que não estava nada satisfeito de ter que lidar com isso. Descobrimos ainda que estava em horário de almoço, e que teve que interromper para vir ver o que estávamos fazendo. Neste momento dois pensamentos brotaram: 1 - parecíamos crianças inocentes, em que o adulto teve que parar o que estava fazendo para nos “dar uma bronca” e dizer que não era para estarmos lá; 2 - que éramos uns alunos burgueses que buscavam satisfazer essas necessidades de entrar em contato com a realidade de maneira rude e sem se importar, de fato, com as pessoas.

Só conseguia me sentir mal.

Nathalia perguntou se podíamos dar uma olhada. Ele queria responder não. Mas respondeu sim.

O restante do grupo olhou todos os cômodos, aquilo me incomodou. Não estava lá para olhar só os cômodos. Onde estavam as pessoas? E as trajetórias que queríamos tanto saber?

Indagamos sobre os trabalhadores, e ele respondeu que, desde que a obra estava embargada eles não estavam vindo, somente os engenheiros, ocasionalmente. Pronto. Neste momento tudo parecia ir por água abaixo. Não possuíamos nem pessoas para que pudessemos explorar mais esta dinâmica.

Fingi olhar o espaço enquanto o restante do grupo fazia também. E agora só pensávamos em ir embora. Ele também devia estar pensando quando iríamos. Agradecemos muito e pedimos muitas desculpas, e quando estávamos prontos para ir embora algo me bateu forte. Não sabíamos o nome dele. Num impulso perguntei, “desculpa, qual seu nome?”. Ele respondeu “Roberto” (nome fictício). Neste momento, novamente, senti que aquele homem só queria que fôssemos embora, e que não havia mais nenhum espaço para explorar aquelas interrelações que tanto sonhava em explorar.

Fomos embora.

Foto do dia 04/04/2018



Fonte: da autora.

Quando já estávamos distantes o suficiente começamos a debater sobre o ocorrido, pois aquela experiência tinha sido muito profunda, porém cada um tinha sido influenciado de forma diferente. Novamente o grupo estava dividido. “Não temos mais trabalho, olha o que aconteceu!”. Porém comecei a refletir e para mim, o que acabara de acontecer era a expressão perfeita do que aquele espaço territorializado, com as complexas camadas sociais significava no nosso estudo. A contraposição entre nós x eles foi tão marcante que quase podíamos sentir no ar. Sim, infelizmente não poderíamos explorar todas as trajetórias dos trabalhadores, muito menos dar resposta a todas aquelas perguntas expostas no decorrer deste trabalho. Mas não é justamente aí que mora a beleza do relato exploratório que é a etnografia? Não trabalhamos com coisas exatas, muito menos com perguntas e respostas simples. Trabalhamos com conflitos. E o conflito aqui é mais do que explícito. Nós, como pesquisadores, não podemos conduzir aquilo que estudamos. Aquilo que estudamos está presente para nos moldar e nos levar a lugares inesperados. E isso podemos dizer que foi um sucesso. Nunca esperei um conflito simbólico de contraposição tão explícito como que aconteceu.

Decidimos finalizar esta exploração, entrevistando alguém da faculdade, para, então, tentar questionar como os indivíduos se relacionavam com aquele espaço. A primeira pessoa

entrevistada, inicialmente não sabia do que estávamos falando (como de costume). Ao apontarmos para a localização, recebemos um “Ah, sei sim, onde os trabalhadores da obra dormem, né?”. Aquele discurso que ouvia nos meus primeiros anos da faculdade. Sabia que não havia inventado isso. Realmente é algo que está correndo pelos corredores da universidade. E aquilo foi muito curioso. É raríssimo que saibam do que se trata quando indagados, porém a especulação daquele lugar existe e está presente no discurso. Há vontade de se relacionar com aquele espaço? Como as pessoas da universidade se apropriam daquele território?

Neste momento percebi que finalizar um trabalho como estes não é tarefa nada fácil. Digerir e analisar criticamente as experiências vividas e transformá-las em considerações finais se mostra quase impossível. A transformação em mim é explícita, porém como passar isso para frente? É necessário um fechamento ou encerramento destas questões, e isso sempre me deixou receosa. As possibilidades e os caminhos que se pode seguir são tão distintos e intrigantes que é extremamente difícil este movimento de encerramento. Porém, analiso agora, que tudo que se mostrou como obstáculo nesta pesquisa, hoje se mostra uma riqueza de conteúdo, trazendo a possibilidade de diferentes leituras, dúvidas e incertezas.

Segundo Magnani (1992), o pesquisador, preferencialmente, deve ter um postura aberta e sensível frente às diversas problemáticas que possam surgir durante o processo de um estudo etnográfico, pois ele é, justamente, marcado por mudanças (neste trabalho o que não faltou foi adaptação às constantes mudanças de rumos de pesquisa).

Porém, ao dar um pequeno passo para trás e observá-lo como um todo (principalmente ao observar a dinâmica destes trabalhadores terceirizados), o que se mostra mais presente e explícito é o **distanciamento**. E principalmente como este distanciamento acaba por se mostrar uma **barreira social e cultural** entre “dois mundos” distintos. A localização “periférica” das casas na faculdade não é trivial. Não há espaço, a partir da minha figura como aluna, para transmutar as inter-relações entre esses dois mundos. A tentativa falha de comunicação se mostrou um exemplo explícito disso. Por mais que, em mim, houvesse uma vontade de aproximação, ela se vê negada pelo outro lado, e não há nada que se possa fazer, pois estes trabalhadores diariamente estão colocados nesta situação periférica e propositalmente afastada do ambiente universitário. Romper este distanciamento levaria muito mais do que uma única conversa rápida, pois este distanciamento está baseado em diversas conjunturas sociais, culturais e até de políticas institucionais. Me vejo engessada. Todavia, podemos utilizar esta tentativa de aproximação como algo construtivo, para entender melhor as dinâmicas de convivência, trabalho e conexão com o lugar, pois só o fato de se

interessar e buscar entender o que acontece naqueles lugares já me coloca fora da zona de conforto (que aparentemente toda a faculdade está inserida), mesmo que não seja suficiente para compreender trajetórias e histórias de vida, como se era esperado inicialmente.

Referências Bibliográficas

CALDEIRA, Teresa P. do R. Enclaves Fortificados: A nova segregação urbana. **Public Culture**, 8(2), 1996, pp. 303-328.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v 35, 1992.